

Rota da Covilhã – Cidade Fábrica

Itinerário 2 – Percurso da Ribeira da Carpinteira

Na rua Marquês d'Ávila e Bolama...



Real Fábrica de Panos

O percurso tem início no Núcleo da **Real Fábrica de Panos** do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior. Neste local, onde em meados do século XVIII existiam já oficinas de tecelagem e de acabamentos, foi construída a segunda grande manufatura de Estado, destinada a constituir-se como fábrica modelo, concentrando as várias operações de fabrico, e como motor de desenvolvimento da indústria local. Para a sua construção, o rei D. José I deu autorização para que se utilizassem as pedras da muralha medieval da povoação, que se encontravam caídas na sequência dos estragos do terramoto de 1755. Ao serviço desta Fábrica Real trabalhavam, em 1803, mais de três mil operários, contando com 356 trabalhadores só nas instalações principais da fábrica e outros 219 trabalhadores espalhados pelas escolas de cardação e fição, num raio de influência que compreendia Penamacor, Castelejo, Casteleiro, Alpedrinha, Lardosa, S. Vicente da Beira, S. Miguel d'Acha, S. Gião e Penalva. Contabilizavam-se ainda 1 375 mulheres, que possuíam, em suas casas, rodas pertencentes à Real Fábrica, onde exerciam trabalho domiciliário. Na sua dependência encontrava-se também a Real Fábrica do Fundão, onde laboravam mais 147 operários e 1 355 fiadeiras em regime doméstico na Vila e nos arredores, em diversas escolas de fição. Visite o edifício, mandado construir por Provisão Régia de D. José, em 1764 para funcionar como manufatura de Estado, destinada à produção e tingimento dos panos para os fardamentos do exército português. Esta área, dedicada à fase da protoindustrialização dos lanifícios, integra um conjunto de 10 fornalhas, com as respetivas chaminés embutidas, onde assentavam as caldeiras de metal, em cobre ou estanho, e oito poços cilíndricos, para assentamento de dornas de madeira, foi classificada como Imóvel de Interesse Público.

Depois de visitar, siga à direita, percorrendo a rua Marquês d'Ávila e Bolama, principal artéria da urbe que liga os vales das duas ribeiras que marginam o tecido urbano da Covilhã e que constituiu um importante troço da canada que conduzia os rebanhos em direção à Serra da Estrela, passando por baixo do arco em alvenaria de granito deste conjunto, não sem antes observar a **Fonte das Lágrimas** inscrita no edifício da Fábrica Real.

Passa-se seguidamente pela **Capela de S. Martinho**, constituindo o templo mais antigo da cidade. Trata-se de um monumento de estilo românico, classificado como Imóvel de Interesse Público, orientado no sentido oeste, e construído nos finais do século XII. Possuindo na fachada um portal encimado por um arco de volta perfeita, com duas arquivoltas apoiadas em colunelos de capitéis decorados com motivos vegetalistas estilizados.

Manuel Olegário das Neves

Impõe-se, de seguida, o edifício que atualmente constitui a **Biblioteca da Universidade**, outrora propriedade de **José Mendes Veiga**, tendo posteriormente pertencido a **Manuel Olegário das Neves**, onde laboraram algumas empresas de lanifícios, designadamente o próprio e **José Dias d'Assumpção Neves**, em regime de arrendamento. O edifício oitocentista, de invulgar imponência arquitetónica, é composto por três pisos acima do nível do solo, em alvenaria de granito, com varandas em ferro com motivos decorativos. Apesar de sujeito a intervenções de recuperação e reconversão, mantém a fachada original.



Fábrica dos Buréis do Convento de Santo António

O percurso continua pela mesma avenida. A topografia acidentada da cidade permite a constituição de miradouros quase naturais de onde se desfruta de ótimos enquadramentos paisagísticos. Alguns metros depois de se ter passado pelo cruzamento com a rua José Ramalho, se nos orientarmos para Sul, depara-se, no alto da vertente, no local de implantação do **Convento de Santo António** fundado em 1553, e atualmente Reitoria da Universidade da Beira Interior, um edifício rebocado, de cor branco, que corresponde à implantação do edifício da antiga **Fábrica dos Buréis do Convento de Santo António**, que atualmente é a sede dos Serviços Sociais da UBI.



Palacetes do séc. XIX

Continuando pela avenida Marquês d'Ávila e Bolama, encontram-se diversos palacetes do século XIX que foram propriedade e residência de ilustres famílias de industriais covilhanenses.

À direita, poderemos observar o edifício residencial mandado construir pelo industrial **João Roque Cabral**, nos finais da década de 40 do século XX, com traça do arquiteto **Bermudes**. Foi habitado pela família até cerca de 1991, distribuída por quatro pisos e águas furtadas.



Logo a seguir, à esquerda, o edifício onde atualmente funciona o *Centro de Seminários, Conferências e Colóquios da Universidade da Beira Interior*, foi a residência da **Família Melo e Castro**.



Do lado direito, em frente ao novo espaço comercial das Galerias de S. Silvestre, encontra-se o *Colégio das Freiras*, residência da **Família Pessoa de Amorim**, edifício em alvenaria de granito, com amplo jardim e grandes vãos. Aproveite-se mais uma magnífica varanda natural, observando o desenvolvimento da cidade para a Cova da Beira, traduzindo o crescimento urbanístico das últimas décadas. Edifício mandado construir no século XIX por José Maria da Silva Campos Melo, Comendador da Ordem de Cristo e industrial de lanifícios. Há já 75 anos que é Sede do Patronato de Nossa Senhora da Conceição, também conhecido por Colégio das Freiras e dirigido pelas Irmãs Doroteias, que chegam à Covilhã em 1870 e, em 1910, com a implantação da República, suspendem o seu trabalho. Em 1928, retomam a sua atividade educativa, moral e religiosa, instalando-se no edifício que ainda hoje ocupam. A riqueza arquitetónica e representatividade da construção da época em que foi construído, levou a Câmara Municipal da Covilhã a considerar este e o edifício contíguo, a Casa Morão, como *Imóveis de Interesse Municipal*.



Junto ao cruzamento para a rua Visconde da Coriscada, que dá acesso à praça do Município, situa-se, à direita, o **palacete da Família Morão**. A **Casa Morão** foi mandada edificar em meados do século XIX por José Maria da Silva Campos Melo, um dos mais proeminentes industriais da Covilhã na centúria de Oitocentos. O edifício possui três pisos, paredes laterais em alvenaria de granito revestidas a azulejo, amplos jardins, grandes janelas e portão em ferro. Este palacete forma uma espécie de conjunto com as outras duas anteriores casas edificadas na mesma artéria da cidade - o denominado **Colégio da Freiras** e a **Casa Melo e Castro**. Na realidade, cada um destes edifícios era destinado aos filhos do comendador Campos Melo. A sua edificação acompanhou o crescimento urbanístico da cidade da Covilhã na centúria de Oitocentos, derivado do crescimento da indústria dos lanifícios.



Continuando pela rua Marquês de Pombal, em frente ao posto de abastecimento de combustível, repare-se na imponente construção revestida a azulejo cor de tijolo, com grandes janelas ligeiramente ovais, onde esteve instalado o **Clube União**, e que mantém ainda a traça original. O edifício, do primeiro quartel do século XX, de três pisos, constituído por duas partes e um pátio intermédio, remata com molduras de granito nas paredes, portas e janelas.

Do largo de São João de Malta para a rua Conde da Covilhã



Rua Conde da Covilhã

Rapidamente se chega ao largo de S. João de Malta, onde se situa uma **capela** com a mesma designação, seguindo-se depois à Fonte das Galinhas. Aí é preciso cruzar para a rua Conde da Covilhã, cuja toponímia traduz a importância de **Cândido A. de Albuquerque Calheiros**, que foi deputado da Nação (1886), Presidente da Câmara Municipal da Covilhã por dois mandatos (1891 – 1895; 1899 – 1901) e também um industrial de lanifícios, herdeiro e prosseguidor do legado de **José Mendes Veiga** e do seu sucessor **Marcelino José Ventura**.



Ignácio da Silva Fiadeiro

Sensivelmente a meio da rua, do lado esquerdo, localiza-se o edifício fabril do século XIX, com os números de polícia 31 e 37, pertencente a **Ignácio da Silva Fiadeiro**. Aqui funcionou uma empresa com preparação, urdissagem, metedeiras de fios e armazém, constituindo uma unidade de apoio à atividade industrial, do mesmo empresário, localizada no sítio do Sineiro.



Também do lado direito, o edifício com os números 43 – 53, decorado com um painel de azulejos alusivo ao S. José, foi **residência** do industrial **Ignácio da Silva Fiadeiro**.



Palacete e Fábrica do Conde da Covilhã

Estes dois edifícios marginam a rua Dr. Almeida Eusébio, onde se situa o **palacete da família do Conde da Covilhã**. O edifício, atualmente em avançado estado de ruína, em alvenaria de granito de três pisos, tinha no tardo uma área ajardinada, do qual se destaca uma escadaria em pedra e ferro. Atualmente encontra-se em avançado estado de ruína. Pelo lado direito, encostado à habitação, situava-se uma das fábricas do **Conde da Covilhã**, datada do século XIX, possuindo dois edifícios com sistema de construção tradicional e estruturas horizontais de madeira em taipa.



Barata, Filhos / Amândio de Moraes e José de Almeida Eusébio, Lda.



Subindo ainda pela rua Conde da Covilhã, vamos encontrar, do lado direito, a rua da Trapa. Aí, localizavam-se duas importantes empresas de lanifícios. O edifício atualmente ocupado pelo *Teatro das Beiras* foi uma tecelagem. Pertenceu à firma **Barata, Filhos**, contando com vários edifícios, com um sistema de construção misto.



Mesmo em frente, encontrava-se a fábrica de tecelagem fundada por **Amândio de Moraes**, um amplo edifício de quatro pisos, entretanto já demolido para construção do funicular do Jardim da Covilhã. Nos anos 60, este imóvel foi ocupado pela firma **José de Almeida Eusébio, Lda.**, dedicando-se ao fabrico de bobines de cartão e laborando até 1998. Foi ocupado, igualmente, por um armazém da firma **Ernesto Cruz & C.ª**, que tinha a sua fábrica no sítio do Sineiro.

Na avenida Frei Heitor Pinto ...



Palacete Jardim

Chegados à avenida Frei Heitor Pinto, surge-nos, do lado direito, o **Palacete Jardim**, que pertenceu à família de **Joseph Bouhon**, um industrial belga que se estabeleceu na Covilhã, numa firma localizada no sítio do Sineiro. Este palacete de estilo *Arte Nouveau*, da autoria do arquiteto Ernesto Korrodi, é revestido a azulejo, com motivos vegetalistas e geométricos, e tem um jardim envolvente.



Convento de S. Francisco

Do lado esquerdo, onde atualmente se localiza o Jardim Público, que constitui uma área de logradouro do antigo Convento de S. Francisco, no interior do qual **José Mendes Veiga**, após as lutas liberais, instalou um **fabrico de cardação e fição**. Esta área foi o local histórico do mercado de gado da Covilhã, que sofreu uma intervenção, no âmbito do plano de melhoramentos da cidade da Covilhã de 1882/83.



Palacete de D. Maria José Alçada

De frente para o jardim, um outro **Palacete de D. Maria José Alçada**, terá sido edificado numa área destinada à construção de um bairro para as classes operárias. Desde 2011, encontra-se instalado neste edifício o **Museu de Arte Sacra** da Câmara Municipal da Covilhã. Depois de se apreciar esta área verde que oferece ainda uma surpreendente vista para vários quadrantes da cidade, siga-se ao longo da avenida Frei Heitor Pinto, seguindo o trajeto da canada que, atravessando a Covilhã, levava os rebanhos para as pastagens serranas.



Alexandrino Fernandes Nogueira

O edifício onde hoje se encontra instalada o espaço de restauração da *Telepizza*, laborou, entre 1941 e 1973, a firma **Alexandrino Fernandes Nogueira**, dedicada à tecelagem, tendo o edifício, inicialmente de três pisos, vindo a ser posteriormente alterado.



Sociedade Fiandeira Mirense e Borges Terenas & Irmão

Continuando, junto ao cruzamento com a rua Júlio Maria da Costa, do lado esquerdo, situa-se o edifício das antigas firmas **Sociedade Fiandeira Mirense e Borges Terenas & Irmão**, tecelagens em atividade durante o século XX. Neste edifício, já funcionaram o Centro de Formação Profissional para a Indústria de Lanifícios (CILAN) e o Centro de Formação para Vestuário e Confeções (CIVEC), mas, atualmente funciona neste edifício a delegação na Covilhã da *Modatex – Centro de formação Profissional da Indústria Têxtil, Vestuário, Confeção e Lanifícios*.



João Mosa

Continuando pela avenida Frei Heitor Pinto, do lado esquerdo, com os números de polícia de 33 a 37, aparece-nos mais um edifício fabril, associado à firma **João Mosa**. O imóvel datado de 1940, apresenta dois pisos, em nave, e fenestração regular, num sistema tradicional misto. Neste espaço, laboraram, simultaneamente, as firmas **João Mosa, João Mosa & Filhos e João Mosa Sucessores**.



José Henriques da Fonseca Júnior

Do lado esquerdo, alguns metros à frente, situa-se a antiga fábrica de fição e tecelagem de **José Henriques da Fonseca Júnior**, composta por três edifícios, de datação distinta (área fabril e escritórios), sendo o mais antigo da década 40/50 do século XX.



João Roque Cabral

Em frente, encontra-se recuperado o complexo onde laborou a firma **João Roque Cabral**, datando os edifícios das décadas 40 e 60. Esta empresa, com cardação, fição, tecelagem e mungos, constituiu, ao nível arquitetónico, um exemplo da modernização do tecido industrial covilhanense. O complexo foi adquirido pela Universidade da Beira Interior para instalação da *Residência Universitária Pedro Álvares Cabral* e fição da empresa **Barata, Filhos** (posteriormente **Pimentéis, Lda.**).



Manuel Lopes Bola e Barata, Filhos

A rua que se desenvolve do lado direito dá acesso a diversos complexos fabris junto à ribeira da Carpinteira, no sítio dos Pimentéis, designação também relacionada com uma empresa fabril: o primeiro edifício pertenceu à tecelagem **Manuel Lopes Bola**; ao lado, localiza-se a antiga cardação e fição da empresa **Barata, Filhos** (posteriormente **Pimentéis, Lda.**).



António Dias de Assumpção Neves/ Pimentéis, Lda

Seguidamente, a firma de cardação, fição, tecelagem, ultimação e mungo **António Dias de Assumpção Neves/ Pimentéis, Lda** (composta por quatro edifícios, com de áreas de produção, armazém, casa do guarda e escritórios, rodas hidráulicas, levadas para condução de águas e râmolas de sol).

Em direção ao sítio do Sineiro...



Ernesto Cruz & C.^a

Regressando ao início da rua, segue-se para montante, até ao Sítio do Sineiro, onde existe uma forte densidade de edifícios fabris. Destaca-se, desde logo, o complexo industrial **Ernesto Cruz & C.^a**, em que o edifício do lado esquerdo sofreu intervenções de recuperação e remodelação para integrar o Departamento de Ciências Sociais e Humanas e Artes e Letras da U.B.I. Este complexo é composto por dois edifícios, um de 1946 e outro de 1963, apresentando um sistema de construção moderno, caracterizado por pilar / viga.



Joseph Bouhon / Álvaro Paulo Rato & Filhos

Na margem direita da ribeira da Carpinteira, observa-se em primeiro plano a firma de **Joseph Bouhon**, possuindo três edifícios adaptados à fisionomia do terreno, datados do século XVIII e XIX, com chaminé nobre. Registam-se sucessivas alterações com características de diferentes períodos: a arquitetura do ferro; sistema misto; betão. O conjunto integrava duas rodas hidráulicas, râmolas de sol e casas destinadas a operários. Por fim, laborou neste espaço a tecelagem e ultimação de **Álvaro Paulo Rato & Filhos**.



Ignácio da Silva Fiadeiro, Tavares & Espinho/Gregório Baltazar e Gregório Baltazar (*Fiações Roseta*)

Na parte superior, localizam-se os complexos das firmas **Ignácio da Silva Fiadeiro**, datada do século XIX, com cardação, fição, tecelagem e ultimação; **Tavares & Espinho/Gregório Baltazar** e **Gregório Baltazar** (*Fiações Roseta*).